



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Ficção especulativa com esmero linguístico

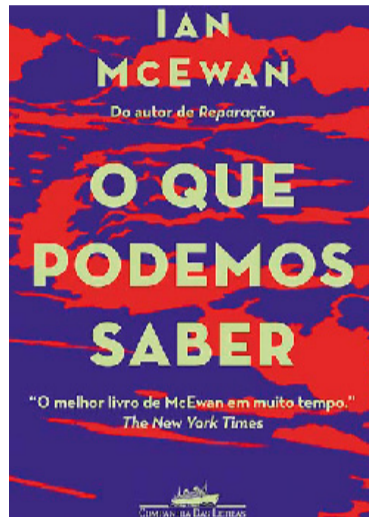
Ian McEwan, nascido em Aldershot, Inglaterra, em 1948, é um dos escritores de ficção literária mais proeminentes do mundo. Recebeu muitos prêmios, entre eles o Man Booker Prize, o Jerusalem e o Whitbread Award. *Amsterdam* (1998); *Reparação* (2001); *Sábado* (2005); *Na Praia* (2007) e *Enclausurado* (2016) são livros considerados essenciais para conhecer a longa obra de Ian. A Companhia das Letras já publicou, entre outros, *Reparação*, *Enclausurado*, *Na praia* e *Máquinas como eu*.

O que podemos saber (Companhia das Letras, 384 pág, R\$ 89,90, tradução de Jorio Dauter), obra mais recente de Ian, foi considerada pelo The New York Times como o melhor livro do autor em muito tempo. A narrativa se passa em 2119, no que restou do mundo após uma catástrofe climática, quando o nível do mar subia dois milímetros por ano devido ao aquecimento global. A

água dos lagos se esgotou, reciclada como chuva e neve de volta aos oceanos. Depois, um foguete russo de má qualidade, destinado ao sul dos Estados Unidos, explodiu no meio do Atlântico, provocando tsunamis que devastaram a Europa, a África Ocidental e o litoral da América do Norte.

O professor de literatura Thomas Metcalfe é obcecado pela obra do poeta Francis Blundy, que num jantar em 2014 recitou um longo poema para a esposa, homenageada. Graças ao arquivamento digital, mensagens, e-mails, históricos de navegador e SMS dos participantes do jantar podem ser acessados. Mas como diz o título do livro, há um limite para o que podemos saber. Quais as barreiras da memória, da reelaboração histórica?

Os alunos de Metcalfe não compartilham do entusiasmo dele pela literatura do começo do século XXI e são críticos com a humanidade que não enfrentou o



monstro climático. Metcalfe quer reconstruir a vida antes da tragédia global, até descobrir segredos inconfessáveis.

Mesclando ficção especulativa com esmero linguístico, Ian convida os leitores a enfrentar as perguntas incômodas, como a que questiona como a história da literatura é escrita.

e palavras...

AS COPAS

Triste, estamos fora da Copa, de novo. Pior campanha desde 1990, com o melhor técnico, assessorias de primeira, elenco Butantã cheio de cobras e infra sete estrelas. Ao menos não tomamos 7 a 1 da Alemanha, já é alguma coisa em termos dessa geração que está pendurando as chuteiras sem muitas glórias. Estamos melhorando. O Nelson Rodrigues disse que a seleção era a pátria de chuteiras e que tínhamos complexo de vira-lata. Hoje, escrevo na segunda-feira de ressacão, estou pensando que as chuteiras estavam sem pátria e estou me sentindo um vira-lata, mas vamos pensar e trabalhar para daqui quatro anos, se Deus quiser, recuperarmos a autoestima e bons resultados em campo.

Nesse momento de sofrimento cívico, cabe lembrar Vanderlei Luxemburgo, quando treinava o Grêmio e perdia: "Nós jogamos bem, mas eles jogaram melhor. Nós fizemos um gol e eles dois, faz parte do futebol. Nós poderíamos ter vencido e o importante não é só o resultado de hoje, mas o projeto para o futuro. Dou a cara para bater para vocês da imprensa, que estão no seu papel."

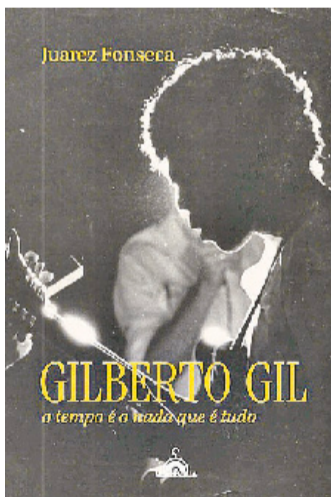
Não entendo muito de futebol, mas ficar mudando metade do time todo tempo e levar jogador lesionado e adiantar prorrogação de contrato antes da copa terminar me parece, tipo assim, heterodoxo. Senti falta de convicções, esquema de jogo mais definido e alguns outros fundamentos fundamentais. Parece que a torcida já previa a volta precoce da rapaziada para o Brasil e economizou em bandeiras, apitos e camisas. Depois do

brasileiro João Havelange comandar a Fifa, que estava quebrada, a entidade passou a ter mais países que a ONU, firmou contratos de patrocínio longuíssimos, inclusive com empresas de bebidas alcoólicas, e o futebol passou a privilegiar mais força, velocidade e marketing, em detrimento do lado mais artístico e saudável do velho esporte bretão. Atletismo, correria, músculos e *business*, por aí.

Os grandes capitais financeiros e os times e jogadores proeminentes se concentraram mais na Europa, e o resto do mundo passou a fornecer talentosos e jovens jogadores para lá. Eles, com o tempo, perdem o contato e o vínculo com os países de origem e se tornam "estrangeiros". A Copa do Mundo mostra essas transformações, mas também tem lados muito positivos, como a divulgação de conhecimentos históricos, geográficos e dados e curiosidades sobre muitas pessoas e países, além de lindas histórias de vida e superação, como, por exemplo, a do goleiro Vozinha, que acabou dando de cara com o Lobo Messi. Ao menos por algumas semanas, as cinquenta e poucas guerras do mundo ganham menos espaço nas mídias que as guerras nos campos de futebol.

Sou copeiro veterano. Em 1958, com quatro anos, vi a Canarinho nascer. Em 1962 cantei "A taça do mundo é nossa / com brasileiro, não há quem possa". De 1966 não quero falar. 1970, a melhor seleção campeã de todas. De 1974 a 1990, Argentina, Itália e Alemanha dominaram. Em 1994 e 2002 dominamos, e aí começou nosso jejum que vai para 28 anos sem caneco.

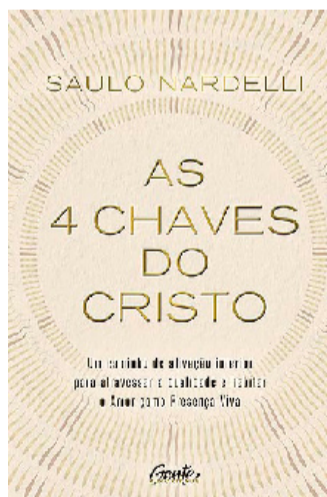
Lançamentos



► **Gilberto Gil – o tempo é o nada que é tudo** (Memorabilia, 208 pág), do consagrado jornalista, escritor e produtor cultural Juarez Fonseca, não traz apenas entrevistas e críticas relacionadas ao genial músico e compositor. O livro cobre o período 1972-2026 mostrando que Gilberto Gil faz o tempo dançar conforme a música. A obra mostra a relação de Gil com Juarez, a escuta mútua e a confiança construída ao longo de décadas.



► **Eco da Liberdade** (Artêra Editorial, 120 pág), do advogado e empresário Victor Maron, mergulha nas camadas mais profundas do espírito humano e nas contradições éticas, políticas e emocionais de nosso tempo. Ensaaios, reflexões filosóficas e lampejos poéticos do livro tratam especialmente da liberdade em vários contextos e espaços. Victor faz um chamamento ao homem consciente, que reconhece sua responsabilidade.



► **As 4 chaves do Cristo** (Gente – Autoridade, 176 pág), obra assinada por Saulo Nardelli, mentor espiritual, empresário e estrategista de negócios, propõe ir além de dogmas e promessas fáceis, em um movimento de retorno ao centro do Ser. Cristo, para ele, não é uma figura distante mas, sim, um estado de Consciência Viva, uma presença que se reconhece e atravessa a experiência humana de tal forma a se revelar no próprio Ser.

A propósito

Então é isso. Vida que segue. Bola pra frente. Não adianta chorar o leite e o balcão norueguês derramados. É aprender com as lições dos jogos e da Copa e tocar para diante, que daqui a quatro anos pode ser que a gente consiga recuperar o tempo e as vitórias. Não podemos ficar só com o passado pela frente. Planejar, incentivar categorias

de base, profissionalizar mais o futebol e olhar para as experiências vitoriosas dos outros países é essencial. Distribuir melhor os vultosos recursos do futebol, inclusive em construção de escolas e hospitais, e aplicar parte do dinheiro em projetos de incentivo ao futebol em áreas carentes é uma boa ideia. Vamo que vamo! (Jaime Cimenti)